

afundado querido.  
 Apesar de estar inmensamente cansada, não posso deixar de  
 te escrever hoje. Sinto uma vontade enorme de falar contigo,  
 e como o único meio é escrever, escrevo.

Trabalhei muito no escritório porque um dos empregados foi-se  
 embora e como eu compreendia, o serviço dobrou. Ao chegar a casa  
 tive que encerrar o meu quarto e lavar a mobília que está  
 frita de muito calor e por isso sujou-se imenso. Tive que  
 fingir que isto não me custava nada, e que não estava nem  
 me locado fatigada, mas foi um sacrifício tão grande. O  
 pai agora está cá em casa, e como os gastos aumentaram,  
 não podemos ir a visitar a mãe uma vez por semana, como  
 costumávamos. Custamos que tudo de se arrumar, por causa  
 de Dic Alda, mas compreendes que mais uma pessoa tanto  
 tempo em casa transtorna.  
 Espero se algum dia será possível que a vida muda, mas não  
 vejo bem como. No entanto, como sou otimista, penso nessa mesma  
 possibilidade.

Eu queria dizer-te uma coisa, mas não sei como te explicar.  
 Quando te escrevi e te falei no que dava em casa, não queria  
 de maneira nenhuma que pensasses no que depois me disseres,  
 sobre qualquer coisa como não nos poder ajudar. Senti uma  
 coisa imensa por ver que tu entendeste de maneira diferente  
 aquilo que eu escrevi. Perdona-me. Eu não quis referir-te a  
 da indirectamente.

Vem-me afligido muito isso, e hoje, tanto que confessar não  
 podia deixar passar o dia sem te escrever e falar-te sobre isto.  
 São quero que tuas um pensamento dessa a meu

01.199  
respeito, querido. Eu sou enérgica e hei-de sempre trabalhar,  
tanto quanto puder, até porque não quero que seja  
um triste dia em que eu ficar só, porque a via, a cidade, não  
viverei eternamente e eu nunca hei viver com a minha irmã  
e o meu cunhado, por muito cunha que seja deles. Então perdoo  
da?

Di a du carta e alegrou-me que me fossem compreendidos.  
Quem escrevi, nem falei assim - ninguém; tinha medo que não  
me entendessem e de mim, até, a tua carta. Briga que me  
imaginavas uma rajada anormal, o que acabaria mais ou menos  
justificável, talvez, dado o eu não crer em Deus e não ter,  
a não ser o fôlego, religião.

Alegrou-me tanto a tua carta, que não fodes sequer imaginar o  
estado enfático que estas palavras são e compreensivas, po-  
duzinam em mim. Por vezes julgo-me terrivelmente mal e como  
ninguém me conhece de verdade intencionalmente, impõem-me  
fodia dizer o contrário. Tu achas que era humano o que eu te  
contava, e não me censuras, o que eu tinha tanto medo. Go-  
tava de poder falar contigo, porque escrever é um embaraço.  
Dir-te-ia muitas coisas, que não se podem escrever, medo de  
não se fazerem.

Continuo a minha rotina esdrúxula, cada vez com mais trabalho  
e sem aumento de ordenado. Ou por outra. Ordenado aumen-  
ta muito, se... já vês a categoria do homem. Por vezes sinto  
um complexo de culpa, mas outras vezes acho que não  
é possível que a minha maneira de ser, ou as minhas atitudes  
se prestem a equívocos. Como todas as mulheres gos-  
to de ser admirada e às vezes provooco essa admira-  
ção. Vou cuidar-te numa coisa que fiz com a

01.194  
consciência de que estava a proceder mal. O contrário é o  
meu castigo, porque vou redimir uma censura da tua fan-  
ta, o que me custa muito.

Uma tarde desde logo depois de almoço, acabei meus circulares  
que tinham que ir para o correio. Tive-me uma secretaria  
que estava desocupada, no momento, para a mesma coisa correspon-  
cia. Da secretaria dele ia-se para <sup>esta</sup>, porque a porta do ga-  
briete onde ele e eu estamos, estava aberta. Tive-me de  
lado, e trouxe os jornais de manhã a fim de os lerem,  
para logo de escrever <sup>para o dia, para o dia</sup> e inutil, quase, dizer de que passar  
a tarde toda à minha volta. Fiz muito mal, ficou que-  
da, sei sei. Foi terrivelmente provocante. Ganga-te comigo,  
diz-me o que de mais desagradável passares, já que não me po-  
des dar um acerto, for <sup>estares</sup> muito longe. Ou podes de-  
clarar de ser uma mulher mal educada e uma mais fazer  
uma de semelhante. Ou reconciliares-te comigo?

Ontem pedi a tarde e fui ao Porto. Jantei em casa da tia  
of. Felicia e só vim ao correio.

Deixo que me julicem doutra asueira que fiz e que  
sou contrário.

Não sei se já te tinha dito que havia um moço que gosta de mim  
e quer casar comigo. É imensamente rico e tem estado em dejet  
drille. A tia Felicia e a minha irmã acham que enfaco muito mal  
em não querer casar, mas eu por mais boa vontade que tenha,  
não consigo gostar dele. Nunca lhe disse definitivamente que não e  
ainda a passar tempo a ver se fosse, porque vejo que é um  
disfarde não querer ajudar a gostar as massas a um  
jovem com 39 anos e um "fencedes Benz" que me  
encanta. Vou-me a contar de isto tudo, porque o encar-  
trei no Porto, e adrebrus toda a tarde.

01.194

Foi-me levar a casa da tia, no carro e eu não sei fazer  
uma coisa, que eu alguma me pareceu que estava bem. Pensei  
que se conseguisse beijá-lo era um passo para que também  
conseguisse casar com ele. Souro não é muito difícil um  
homem beijar-nos, fui-o levando a pensar isso, sem ele perceber,  
com um ar absolutamente inocente que as mulheres são capa-  
zes de avançar. Quando o vi a fazer o cigarro, pensei que ia fa-  
zer o supremo sacrifício e reuni toda a coragem que podia  
avançar. Isto foi à porta de casa e antes indiretamente dis-  
cretamente como se abria a porta do carro. (Os homens são uns  
fábrios) Digo-te que não consegui, não pude. Não de posso expli-  
car a sensação, porque não és mulher e não compreenderias,  
mas senti que não era capaz de avançar e não beijei.  
Fiquei a pensar, então, que se não fui capaz de o beijar, muito  
menos ~~se~~ sou capaz de dormir com ele. Não cá avançar, e  
tempo que te dizer que não.

Querido: eu não sei que estás a dizer e só podia ser a ti.  
Não me julgues mal, digo-te, mas não creês que foi uma ma-  
neira de saber se podia ou não casar com ele? Não digas-me  
que fiz muito mal, mas não que é justificável. Diz-me o que  
pensas, mesmo que me custe muito sabê-lo. Em que lado,  
não sou? Eu quero fazer justificação para o que fiz, logo lá  
muito no íntimo, dentro a consciência de que não procedi bem.  
Abonares-te muito com os minhas cartas? Nunca mais te  
escreverei, ponto. Fiz isto porque dentro um fecho expansivo é  
um tormento, não poder dizer aquilo que penso e que  
sinto a alguém. Tu és meu amigo, o que não dá, de acordo,  
de me julgar mal.

mas quando nos parece que procedemos visivelmente, o certo, como agora faço, é uma expiação, que use a minha essa sensação de culpa, porque - fortillamos, com alqueim. Não julgues, com isto, que sou uma irresponsável e que fujo às consequências dos meus actos. Por isso de juco que os julgues, e que rejes imparcial, for unido que me custe a vir de depois. Mais uma vez te peço não dones a escrever estas cartas macadoras, com assuntos que du pensarás que não de dizem respeito e por isso mesmo te macem.

Está cá um rapaz espanhol, que é pintor e um grande artista, segundo dizem, que se não está à altura de julgar. Torcíamos nos muito amigos e passo grande parte dos meus fins livres com ele, agora principal mente, que está a trabalhar para fazer uma exposição. Fomos os Belos - todos em Paris e como podes ver, dizem fale me franceses estupefido. Compreenderás que em tempo feito grandes progressos e estão imensamente cadente. Preciso de me valorizar cada vez mais, para poder mudar de emprego, e ver se vou para um de facto bom. Falo e escrevo já tão bem que outro dia me aventurei a responder a um anúncio no Porto, que pedia uma correspondente bem habilitada. Proporem 7 raras e eu fui a melhor classificada. O meu peso era principal mente para interpretar o que me alegrou acide mais por ser meu trabalho que me agradava. Está à espera de uma resposta, porque só seria precisa no principio do ano. Ao mesmo tempo penso que não é possível ser para mim porque não deito sorte nenhuma. Tratei de tudo absolutamente sózina, porque o pai não ajuda nada. Não podes sequer imaginar a coragem que precisei para ir lá e quando me vi só, no meio de um formigueiro de

empregados e empregados, senti-me inmensamente segura e satisfeita. Tive que vencer o complexo, não sabia mais o que fazer. O senhor foi muito simpático comigo e saber, eu logo de principio tratei de ver o que ele sabia de negócios, antes de ele ver o que eu sabia. Não que felizmente para mim, tinha meus conhecimentos do que eu e por isso também meus possibilidades de mudar os meus erros. Depois disso senti-me absolutamente segura. Desei-me em ter possibilidades de ser uma boa empregada e ajudar do meu aspecto. Seria tão bom que esse emprego fosse para mim, a ganhar muito mais e ver-me livre desde então daqui.

Entristeceu-me muito, quando, o que tu dizeste o que eu disse de na tua carta acerca de estares em casa sem nada fazer. Não cabei nada para não afligir a tia Alda, mas a verdade não conseguia adormecer, a pensar em ti. Sabes que de dia tenho sempre crises que me preocupam e a que é preciso estar atenta. Mas à noite, quando estou deitada, os pensamentos nessa altura são exclusivamente meus e só assim posso rever aquilo que de verdade me diz respeito. Pensei muito no que me dizeste e tinha uma sensação de tristeza por ver que nada podia fazer e que estava tanto de fazer alguma coisa. Sou grato muito de ti, querido, não só por seres meu primo, mas também pelo que Deus te deu para mim, e para mim, agora, em especial. Entristeceu-me também ouvir os teus desejos de saúde e de todo o coração desejo que melhores. Recebemos teu dia destes uma carta do teu Pai e pareceu-me por uma coisa que ele dizia, que tu tinhas encontrado a tua vida. Não é verdade, pois não, foi? Deu fecho de para não fazeres.

Tinha mais coisas para te contar, mas não posso escrever mais. Estou com um sono inenso e principalmente

Causada. Tenho uma ferida muito e ainda deixo que fazer  
o curativo. Tempo já foi algum tempo e não já meio de se  
curar, porque não posso ficar em casa. Além disso dor-me  
muito e anda-me um bocinho a andar.

O que me perguntas da correspondência entre os dois, diz-te  
que eu em casa não de uma descrição absoluta, pois agora muito  
acostumado, como é de facto, e não estranham que eu não  
les leve os dois cartões. Brinde não me fizeram nenhuma  
pergunta.

Já não escrevo hoje aos Pais. Desculpa-me muito deles e  
beijá-os por mim.

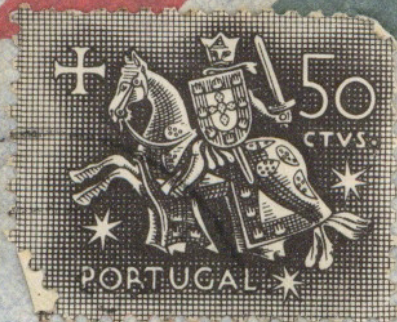
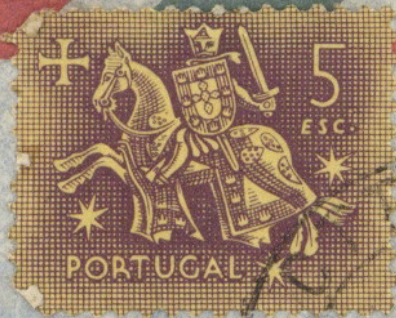
Para ti, muito querido, um grande beijo da tua prima sem-  
pre muito tua amiga

UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

29-10-58

01.194

380 381 382



381 382 383

64

388

68

300

388

81

01.194

300

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

383

383 384

Luís

António Manuel Cruzzeiro Lopes

Boixa Postal

~~890~~ 890

EXTRA AVION VIA AEREA

Zuanda

Bejola



*S. Ramos*

*Aspiulo*

216

216

2159

597

58

163

15

217

09

163  
291

11

*33*

248

15

UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA



16

12

212

1

164

66

17

29  
29

18

211

65  
64

21365

17

19

18

21

213

215214

17

16

21416

39

39

613

40